

TRAJES DA REALEZA IORUBÁ NA CIDADE DE SÃO PAULO CULTURA, MODA E COSMO PERCEPÇÃO AFRICANA NA DIÁSPORA BRASILEIRA

YORUBA ROYAL COSTUMES IN THE CITY OF SÃO PAULO CULTURE, FASHION, AND COSMO-AFRICAN PERCEPTION IN THE BRAZILIAN DIASPORA

SANTOS, José Roberto Lima, Mestre, UNESP¹

Grupo Fayola Odara²

Resumo

Apresentamos as indumentárias da realeza iorubá presentes na cidade de São Paulo, por meio da presença de africanos de Abeokuta, do Benin e ateliês de alfaiates africanos. Além da perpetuação dos modos de vestir de suas terras de origem, contribuem para a propagação cultural milenar africana através dos modos de vestir tradicionais.

Palavras-Chave: indumentárias africanas; trajes africanos; trajes da nigéria; trajes do benin; indumentárias realeza.

Abstract

We present the clothing of Yoruba royalty present in the city of São Paulo, through the presence of Africans from Abeokuta and Benin, and African tailoring workshops. In addition to perpetuating the clothing styles of their homelands, they contribute to the propagation of ancient African culture through traditional clothing styles.

Keywords: African clothing; African costumes; Nigerian costumes; Benin costumes; royal costumes.

Introdução

As indumentárias da realeza africana da Nigéria e do Benin estão presentes na cidade de São Paulo. Atualmente, estão sendo difundidos na área da moda, casamentos, presentes nos festejos dos candomblés reafricanizados, em eventos culturais, premiações a líderes

¹ Artista e Pesquisador. Atualmente é Doutorando em Artes - UNESP - (2023-2027). Em 2021, concluiu o mestrado acadêmico na UNESP "Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho/IA- Instituto de Artes Campus São Paulo. Graduado e especialista em Artes Cênicas pela FPA – Faculdade Paulista de Artes (2010-2014). www.robertosantosartes.com.br

² Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e Afro Diaspóricas USP - Universidade de São Paulo dirigido por Aymê Okazaki.

religiosos, que preservam e difundem as religiões de matriz africana. E ainda, pela presença de diversos africanos residentes em São Paulo, sejam eles alfaiares, Babalorixás ou Babalaôs. Aos nos referirmos aos alfaiares e designers de moda africanos, além de serem os criadores das coleções e peças tradicionais que apresentam os aspectos vestíveis de suas regiões de origem, impulsionam a economia criativa e alimentam o mercado de bens simbólicos, perpetuados pelas religiosidades africanas e de matriz africana, que por sua vez, se desdobram em diversas ramificações de candomblé e da *Ìṣẹ̀ṣe Èsìn Òrìṣà Ìbílẹ̀*³.

Nos festejos populares negros afro-brasileiros, estas vestimentas são elementos de referência para a criação de enredos de carnaval que se aventuram em contar histórias, mitos e histórias do panteão iorubá e suas relações históricas com os demais países para além da Nigéria, Benin, Togo, Mali e Brasil.

As indumentárias africanas da Nigéria e do Benin são portadores de narrativas que identificam posições hierárquicas, de liderança, de ofícios diversos e de africanos que dialogam com o Islã, com o *Ìṣẹ̀ṣe Èsìn Òrìṣà Ìbílẹ̀*. Após a década de 80 do século XX, africanos oriundos da Nigéria e do Benin aportaram na cidade de São Paulo, trazendo suas malas repletas de tecidos, trajes e modos de vestir particulares que expressam suas relações sociais, modos de ser e estar no mundo. Embora distantes de seus países de origem e aculturados, não deixaram suas tradições caírem no esquecimento.

O trabalho de pesquisa em andamento, tem por objetivo aprofundar os sentidos e significados dos trajes africanos, propondo a desmistificação negativa e exotismo que nos foi ensinado, reduzindo-os a trajes típicos. Os trajes africanos iorubás além de identificar quem os porta, demonstra a ancestralidade, a linhagem, a expansão familiar, através de geração a geração. Para muitas sociedades africanas, a arte não diz respeito apenas à cultura material e objetos tangíveis. O corpo também se torna uma tela natural para honrar as divindades e buscar sua proteção e beleza (OLUPONA, 2023, p.113). Modos de modelar, costurar e bordar, apresentam o status e relações sociais, que fazem do indivíduo protagonista de sua história,

³ *Ìṣẹ̀ṣe*, *Ìṣẹ̀ṣe Lágba*, *Ìṣẹ̀ṣe Àgbáyé*, *Èsìn Àbáláyé Yorùbá*, *Èsìn Ìbílẹ̀ Yorùbá*, *Èsìn Òrìṣà Ìbílẹ̀* ou *Riljijónù Àbáláyé Yorùbá* são denominações dadas a religião tradicional iorubá, embora, a mais comumente utilizada seja *Ìṣẹ̀ṣe*, que possui o significado de primordialidade, espiritual e material. É uma religião ancestral praticada desde os primórdios, há milênios, que engloba manifestações e fundamentos culturais, sociais e religiosos de um país da África Ocidental, chamado Nigéria. O *Ìṣẹ̀ṣe* possui ensinamentos, práticas e rituais que organizam a estrutura das sociedades nigerianas, permitindo também, concepções próprias a respeito de um Ser Superior (Olodumaré) e do Universo a partir da cosmo percepção e cosmovisão africana. Porém, mesmo dentro de uma mesma comunidade, cidade ou estado, podem existir variações em relação às concepções a respeito do sobrenatural. É uma tradição religiosa que em quase nada foi influenciada pelas religiões surgidas depois, como o Islamismo e o Cristianismo. Pelo contrário, assim como no Brasil, muitos mulçumanos e cristãos vão à procura de sacerdotes da religião tradicional iorubá com o intuito de realizarem rituais, manutenção do equilíbrio físico e espiritual realizados por sacerdotes popularmente conhecidos como *Bàbáláwò* (mantenedores do Corpo Literário de Ifá, intérpretes do oráculo divinatório, (com o uso do *Opelè Ifá*), conhecedores dos mais de 256 odus que apresentam as possíveis soluções para as intempéries humanas.. É uma religião que além de praticada fortemente na Nigéria, muito vem sendo praticada e difundida em países da América, Ásia e Europa. Para mais informações consultar: KUMARI, Chief Dr Ayele. *Hand of Ifa: A Support Guide for Onifá, Beginning Awo Ifá, and Isele Ifá Devotees in the Diaspora*. Ori Institute, 2022.

contribuem na preservação cultural ancestral e proporcionam continuidades que devem ser rememoradas de tempos em tempos.

A ancestralidade, em muitas culturas, é um conceito fundador, espargido e imbuído em todas as práticas sociais, exprimindo uma apreensão de sujeito e do cosmos, em todos os âmbitos, desde as relações mais íntimas até as práticas e expressões sociais e comunitárias mais amplas e mais diversificadas (MARTINS, 2021, p.23).

Os modos de vestir compartilham narrativas que contribuem para a organização social, fortalecimento de posições hierárquicas e políticas, com o intuito de fortalecer a noção de pessoa, que além de zelar pela auto estima, promovem bem viver e bem estar em prol da valorização do indivíduo e do coletivo. A ornamentação carrega textos e narrativas que vão além de enfeitar, uma vez que traduz o indivíduo perante a si e aos demais, ou seja, uma verdadeira obra de arte que potencializa o ato de vestir.

A arte emana de uma sociedade coesa por trás de um estilo de vida que se mostra, tanto para os membros da comunidade quanto para os estrangeiros, como o estandarte de um conjunto de princípios sociais e políticos adquiridos e transmitidos por uma estética comum que religa os indivíduos, os identifica e os distingue (LAFONT, 2023, p. 107). Com isso, intuimos que a circulação de trajes africanos para além de sua origem, são dispositivos que elucidam a diversidade e particularidades do vestuário africano trazidos para São Paulo, contribuindo para a riqueza cultural e propagação de métodos de criação, utilizados como fonte de inspiração para coleções de moda, religiosidades negras, manualidades e fazeres têxteis. A seguir apresentaremos alguns trajes que exemplificam os modos de vestir africanos presentes na cidade de São Paulo e no Brasil.

1 - Os Trajes Africanos Iorubás e sua Diversidade Vestível

1.1 - Grand Bou Bou, Agbada ou Riga

O grand boubou agbada tradicional é geralmente feito à mão e no tear, com mangas largas, usado pelas elites na Nigéria. O traje é composto por túnica (awosoke), bata (awotele), calça (sooro, kembe ou shokoto) e iketê (chapéu), sapatos ou chinelos de couro. O conjunto é dividido em três partes: uma peça bordada de frente para trás, com orifício grande para o pescoço (orun) e outra parte para o bolso, que se chama apo. No passado, essas vestes de prestígio eram comercializadas em vastas distâncias. Roupas semelhantes ou relacionadas a esse contexto são encontradas em grande parte da África Ocidental. Eles são chamados

agbada (iyorùbá), riga (haussa) e boubou (corruptela de wolof mbubb). Os bordados são em alto relevo, com cores vivas e diferentes grafismos que remetem às escritas lusona⁴.

Figura 1: Agbada/ Acompanha calça, camisa e filá



Fonte: <https://afro-elegance.com> Acesso em: 31 julho 2025.

A roupa completa para um homem iyorùbá que consiste nos seguintes elementos: buba, (blusa, camisa folgada), shokoto (calças folgadas); agbada, (uma túnica grande usada sobre o buba) e o filá, (chapéu ou gorro). Na Nigéria, as túnicas se tornaram herança de família, passada de pai para filho e usada com orgulho em grandes celebrações. Atualmente em Lagos, e em outras regiões da Nigéria, há uma larga produção destes trajes, feitos por grupos familiares, como também estilistas de médio e grande porte. Podemos exemplificar o ateliê King Hakbal, inaugurado em 2003 pelo renomado estilista Hakeem Adeiyinka Balogun⁵, que produz o bou bou agbadá, respeitando a tradição e inserindo outros elementos que possam valorizar cada vez mais a permanência do uso do traje, a importância cultural e o

⁴ Sistema de escrita histórico e atual usado no continente africano. São símbolos nativos e introduzidos por colonizadores muçulmanos. Encontra-se em países como Angola, Nigéria, Togo e Benin. A escrita é feita no chão, na areia. É necessário limpar e alisar o solo com a mão, com a ponta dos dedos. O narrador desenha uma grade de pontos, cuidando para que estejam regularmente espaçados. Em seguida, em volta dos pontos, traçam-se linhas retas e curvas, tanto para a direita quanto para a esquerda, com uma inclinação de 45 graus, mantendo equidistantes dos pontos, servindo de base para a história que será contada. As linhas são sempre fechadas, traçadas, sem o narrador levantar o dedo da areia, seguindo regras específicas de acordo com a tradição. As histórias são baseadas na realidade da vida, e elas ilustram provérbios, contos, fábulas, jogos, mitos, animais, cantos, leis e enigmas, desempenhando um papel importante na transmissão do saber às novas gerações. Essa narrativa foi transferida para os bordados que são feitos nos trajes africanos. E com isso, passam a ser elementos de comunicação.

Fonte: <https://www.matematicafacil.com.br> . Acesso em: 25 ago. 2025.

⁵ Para mais informações consultar: <http://kinghakbal.com/> . Acesso em: 31 julho 2025.

legado deixado pelos ancestrais. O traje é usado em festivais em louvor aos òrìsà, ancestrais, casamentos, formaturas, eventos diplomáticos, funerais, colação de grau, desfiles de moda e simpósios em prol da valorização étnica negra africana. A grife tem como clientes a elite africana e o clã da realeza, que preservam os costumes do uso dos trajes. Além deles, há clientes estrangeiros que passaram a usar os trajes pelo conforto, durabilidade ou por fazer parte da *Ìṣẹ̀ṣe Ẹ̀sìn Ọ̀rìṣà Ìbílẹ̀*. As mulheres, nas cerimônias religiosas e culturais utilizarão o traje aso oke. Abordaremos mais adiante essa rica vestimenta e suas particularidades.

1.2 - Dàńsíki - Dashiki

O Dàńsíki (pronuncia-se dashiki) é uma peça colorida para homens e mulheres usados principalmente na África Ocidental. É chamado Kitenge na África Oriental, na Tanzânia e no Quênia. Também é conhecido como Java, pois é usado na Indonésia. Cobre a metade superior do corpo. Possui versões formais e informais e varia de roupas simples com drapeados a ternos totalmente adaptados.

Uma forma comum é uma peça de pulôver folgada, com uma gola decorada com belos ornamentos, em forma de V e linhas de pescoço, e manga sob medida e bordadas. É frequentemente usada com um boné Kufi sem abas (usado nas comunidades islâmicas da África e na diáspora africana) e calças. Foi popularizado e reivindicado por comunidades da diáspora africana, especialmente afro-americanos, tanto para uso cotidiano como para eventos religiosos. O nome dashiki é do iyorùbá *dàńsíki*, uma palavra emprestada do Hausa que significa 'camisa' ou 'roupa interior' (em comparação com a roupa externa, *babban riga - agbada*).

A versão informal do dashiki é confeccionada com tecidos wax prints holandeses e a versão formal é com tecidos de linho ou algodão com bordados. O conjunto completo acompanha shokoto (calça com cordão) e um kufi (acessório de cabeça), muito usado pela maioria dos noivos durante as cerimônias de casamento. Uma outra versão consiste em uma camisa até o tornozelo, combinando kufi e shokoto e é chamada de kaftan senegalês. Parece-nos que os termos ou nomenclaturas dos trajes variam de região para região africana, pelo tipo de tecido utilizado para a confecção. Uma peça vai complementando a outra até formar o conjunto completo.

O dashiki feminino inclui na sua feitura diversas rendas. Há também um híbrido do dashiki e kaftan usado pelas mulheres, ou seja, um dashiki tradicional masculino com uma saia ocidental, tornando o conjunto unissex. Em Gana e no Congo, é chamado de 'Angelina'.

Foi originalmente usado pelos haussá do norte de Gana para funções tradicionais e, com o tempo, tornou-se parte da cultura ganense como um todo. A paleta de cores traz identificações específicas, por exemplo: para os noivos – cor cinza e branco; para realza africana – roxo e lavanda; para representar sentimentos como amor, paz e harmonia – azul; para a morte – preto e vermelho, que são as cores tradicionais do luto⁶.

Figura 2: Dashiki Informal com estampas industriais indianas



Fonte: <https://www.amazon.com/Blue-African-Print-Dashiki-Shirt/dp/B073L2G8ZJ> . Acesso em: 20 ago. 2025.

1.3 - O traje Aso Oke

O aso oke é um tecido feito no tear em forma de tiras e com ele é criado trajes aso oke tanto para os homens como para as mulheres, obedecendo as regras de modelagem para cada um. O tecido é feito no tear por famílias que seguem a tradição, mas também há os industrializados, amplamente divulgados na África e no Brasil.

Há muitas empresas espalhadas nas regiões do Mali, do Benin, Togo, Nigéria, Lagos e Serra Leoa. A roupa completa para uma mulher iyorúbá consiste nos seguintes elementos: *Iro* – saia envolvente; *Buba* – uma blusa folgada usada por cima; *Gele* – turbante; *Pele* – pano que circunda a cintura ou o ombro⁷. As mulheres africanas e brasileiras usam sapatos de salto alto ou até mesmo sandálias para complementar as vestes. Esse traje é utilizado em cerimônias de casamento, eventos culturais, diplomáticos e pelo clã real de Oyó e de Ilè-Ifè. Geralmente, as esposas do Alááfin, do Ooni ou dos Obás, utilizam essa veste em uma única cor, mas com modelagens variadas, havendo a variação no nome, passando a ser chamado de

⁶ Fontes: <https://en.wikipedia.org/wiki/Agbada> . Acesso em: 9 abr. 2020; e <https://en.wikipedia.org/wiki/Dashiki> . Acesso em: 9 abr. 2021.

⁷ Fonte: <https://www.urbanstax.com/beauty-aso-oke-traditional-yoruba-clothing/> . Acesso em: 25 ago. 2025.

traje *aso ebi*. Além dos tradicionais trajes feitos de *aso oke*, temos o mesmo traje feito com tecidos bordados à moda europeia.

Figura 3: Traje feminino *aso oke* feito no tear com aplicações



Fonte: <https://enstocks4t.top/products.aspx?cname=aso+oke+dress&cid=6> . Acesso em: 25 ago. 2025.

Há também a variação masculina, *buba shokoto*, composto de uma grande túnica com diversos bordados e aplicações que acompanham a calça, os chinelos, o *quipá* ou *iketè*. Segundo o fotógrafo e designer Olowabi⁸, o processo de fabricação do *aso oke* é demorado e manual. Os fios prontos, industrializados, podem ser adquiridos com mais facilidade, pois são mais baratos, mas historicamente o algodão era colhido, processado e tingido à mão, e os teares antigos só podiam tecer tiras estreitas de tecido.

O traje é tradicional da Nigéria, feito à mão, pode ser encontrado à Sudoeste, pois ainda existem famílias que preservam a tradição de plantar o algodão, retirar os fios, tingir, tecer e depois costurar as partes que irão constituir o traje. Além da tradição artesanal, feito manualmente, com a modernização, industrialização e entrada de empresas multinacionais europeias e asiáticas na África, o *aso oke* também é produzido neste contexto.

⁸ <https://www.designindaba.com/articles/creative-work/aso-oke-fabric-travels-head-toe> . Acesso em: 25 ago. 2021.

Importante ressaltar que se faz primeiro as tiras, e que somente depois são costuradas, uma a uma, para criar o traje. Segundo Plankensteiner (2013), o tecido industrial, principalmente importado, chamado de “renda africana”⁹, molda a aparência dos nigerianos em todo o mundo há mais de 50 anos, desde a década de 1970. Muitos desses tecidos são produzidos na Áustria. O material pode ser visto como uma invenção austro-nigeriana, nascida como resultado de relações comerciais transculturais que datam do início da década de 1960, quando se começou a substituir roupas bordadas ou tecidos feitos à mão, como roupas de prestígio na Nigéria. Os primeiros produtos industrializados para a Nigéria no início dos anos 1960 foram bordados com ilhós brancos que logo se tornaram disponíveis em várias cores pastéis. Ainda segundo Plankensteiner (2013), mais tarde, nessa década, além desses trajes com tons pastéis, as empresas começaram a produzir têxteis bicolores. Sua principal característica eram cores diferentes alinhadas verticalmente, geralmente resultando em um padrão ondulado ao longo do comprimento do tecido, uma característica também resultante da técnica de produção artesanal, produzida pelos nativos.

2 - Trajes do Oba Adekunle Aderonmu Ogunjimi na cidade de São Paulo

Segundo Prandi, em *Os Candomblés de São Paulo* (2020), o autor nos indica que o ressurgimento dos Babalaôs e Babalorixás africanos na cidade, se dá na década de 90. O autor reforça que: (...) Um dos primeiros a se estabelecerem definitivamente na cidade de São Paulo, há cerca de trinta anos, talvez o mais conhecido, foi o babalaô Jimi, ou babá Ogunjimi, também chamado de Otumbá Adekunlê, hoje instalado na Barra Funda, em São Paulo, onde dirige seu Centro Cultural Africano, fundado no final da década de 90. Chegou da Nigéria em 1992 como estudante e acabou se tornando comerciante de produtos africanos (...) (PRANDI, p.331, 2020)¹⁰. E em seguida, assume o sacerdócio, atuando como Babalaô Adekunlé, juntamente com sua esposa, fundou o Lisabi Cultural Center, local que além de vender produtos africanos, tecidos, estátuas de madeira, fios de contas (ilekés) etc, até os dias atuais, vem prestando atendimento aos seus clientes e interessados na cultura de Ifá. No decorrer de mais de 30 anos residindo na cidade de São Paulo, próximo a UNESP Campus Barra Funda,

⁹ “Renda africana” é um termo usado principalmente no cenário do mercado internacional para distinguir esse estilo específico de bordados industriais voltados para a África (especificamente para a Nigéria) das outras linhas de produtos. Na Nigéria, o termo “renda”, na verdade, denota bordados industriais. O uso enganoso do termo para esse tipo de material resulta do fato de os primeiros produtos serem feitos de guipura (renda química) ou bordado com ilhós, uma técnica que se assemelha muito ao laço real.

Para mais informações visite o blog: <http://www.open.ac.uk/blogs/cim/three-piece-lace-ensemble-for-men/>. Acesso em: 25 ago. 2021. PLANKENSTEINER, Barbara. African Lace: an industrial fabric connecting Austria and Nigeria, 2013. Disponível em : <https://journals.openedition.org/anthrovision/679> (visita realizada em 03 de Ago 2020).

¹⁰Nota: Para mais informações consultar: <https://centroculturalafricano.com.br/invention-of-advance-technology/> Acesso em: 15 jul 2025.

além de Babalaô de Ifá, Adekunlé se tornou escritor, representante cultural africano, digital influencer, firmou-se como representante da Sociedade Ogboni e recentemente recebeu o título de *Kábíyési Oba Adekunle Aderonmu* (Rei da Fraternidade Ògbóni e Embaixador da Paz nas Américas).

Figura 4: Toiyn e Oba Adenkule Adenronmu com trajes da realeza iorúbá



Foto: Gutemberg Bispo Gomes, 2024/ Acervo Centro Cultural Africano

Atuando como sacerdote de Ifá e representante cultural é muito respeitado pelos candomblecistas de São Paulo e tem realizado anualmente eventos onde o Centro Cultural Africano, na figura de Adekunlé homenageia personalidades religiosas e celebridades midiáticas afro-brasileiras, que contribuem para a luta contra o racismo, intolerância religiosa e reconhecimento da contribuição, participação efetiva da cultura africana iorubá na formação

da sociedade brasileira e presença na cidade de São Paulo. Destaco aqui: 1o, 2o e 3o Prêmio Ase Isese 2022, 2023 e 2024, Prêmio África Brasil que em 2025 está na 20a edição, entre outros eventos que tem por objetivo, através do ativismo de Adenkulé, valorizar a tradição de Ifá e *Ìṣẹ̀ṣe Èsìn Òrìṣà Ìbílẹ̀* na cidade de São Paulo. E ainda, combate ao preconceito, a intolerância, a xenofobia e o racismo, propondo o reconhecimento, valorização da ação efetiva africana/afro-descendente e suas contribuições na sociedade brasileira.

Figura 4 e 5. Traje de Entronização Obá Adenkulé Aderonmu Ogunjimi, 2022



(Frente e Costas do Traje) / Abeokutá, Nigéria

Foto: José Roberto Lima Santos, 2023

Ao ter acesso ao guarda-roupas de Ogunjimi, há variedades de trajes, indumentárias e acessórios africanos, além das insígnias de títulos adquiridos no decorrer de sua vida e atuação como líder real e religioso. As vestes e insígnias são utilizados em diversas ocasiões, uma vez que sua imagem está vinculada aos aspectos culturais africanos e seus modos de vestir, nos demonstrando o quanto é importante para o povo iorubá se vestir bem e a caráter, uma vez que vestir-se a moda tradicional denota identidade, tradição, cultura e posição social. Juntamente com sua esposa, se tornaram pessoas que além de valorizar os sentidos e significados do uso das indumentárias reais africanas, são exemplos vivos presentes na cidade

de São Paulo, nos proporcionando estudar e conhecer as particularidades desses modos de vestir. Além de tecidos nobres utilizados para a confecção das indumentárias reais de Adenkulé, como veludo, aso oke, kampala, damas, richelieu austríaco, lease, jacquard e gorgurinho, há uma particularidade muito interessante: os bordados aplicando no abagdá e no grand bou bou abadá devem ser sempre volumosos e com grande dimensão, desde a altura do ombro até a abaixo do quadril, pois quanto maior for o bordado, maior é a posição real que o portador possui. Outro aspecto não menos importante são os trajes confeccionados com tecidos e bordados com missangas à mão, com diversas figuras que representam o papel social do líder real e de seu compromisso com a humanidade. Segundo Adenkulé, em pesquisa de campo, nos assegurou que o peso da indumentária que foi produzida para sua entronização, se refere ao peso da responsabilidade sob a humanidade e da responsabilidade em ser proponente de possibilidades de amenização das intempéries humanas, através do sacerdócio, fazendo uso do Corpo Literário de Ifá, das consultas divinatórias ao oráculo do opelé-ifá e de boas ações que venham a contribuir para dias melhores. E ainda, intercâmbio cultural entre Brasil e Nigéria, com a vinda de familiares, sacerdotes e sacerdotisas de sua cidade de origem, Abeokutá.

3 - Tipos de Tecidos presentes na confecção dos trajes: Tradição, História e Contemporaneidade

Os tecidos tradicionais africanos além de identificar o poder aquisitivo de quem os porta, denota manualidades têxteis manuais, como por exemplo, o uso do tear manual para a sua produção. Com a contemporaneidade, introdução de máquinas de costura e de bordar e as novas tecnologias, ampliou-se os modos de fazer, fazendo o uso de modelagem, moulage, moldes específicos e tabela de medidas personalizadas, valorizando o corpo de quem as porta.

Poderemos destacar os tecidos aso oke que são feitos no tear em tiras estreitas, que após o uso e manuseio do tear, são costurados um a um até formar a metragem necessária para a criação das peças que são classificadas em: shokoto, irô, buba, agbada e filá. Teremos os tecidos adire, peças de tecidos que são tingidas de forma artesanal em viscose, linho ou algodão nos oferecendo uma vasta estamparia que possibilita observarmos os aspectos criativos através do uso de nós, alinhavos, amarrações e torções dos tecidos que ao serem abertos após o tingimento, são verdadeiras obras de arte criadas em superfícies planas que também serão utilizadas para a confecção do vestuário e de envoltórios.

A essa estamparia tradicional, atualmente tem-se inserido técnicas de silk-screen, stencil, pinturas abstratas e também técnicas do batik de origem javanesa. Um bom exemplo a respeito dessa aglutinação de técnicas de estamparia e pintura dialogando com as artes visuais e temáticas negras é o Oodua Adire Textile Hub fundado na cidade de Ilê-Ife pela Rainha Ronke Ogumwusi em 2021, uma vez que é responsável e idealizadora do Africa Fashion Week há mais de 15 anos na Inglaterra, na Nigéria, e atualmente, trouxe esse importante evento multicultural para a cidade de São Paulo em 2023, no pavilhão da Expo Center Norte, reunindo designers de moda africanos oriundos da Nigéria, Benin, Inglaterra, Nova Iorque e residentes no Brasil que além de possuírem ateliês, tem propagado os trajes africanos para a comunidade afro-brasileira.

O Africa Fashion Week Brasil em sua primeira edição, aconteceu concomitantemente ao evento São Paulo Fashion Week dirigido por Paulo Borges, que têm se dedicado a incluir em seu casting de estilistas, uma parcela de criadores afro-brasileiros, possibilitando a valorização das tradições negras e seus modos de vestir com a moda contemporânea, que não necessariamente cria vestuário tradicional, mas se inspiram nos tons e paleta de cores multicoloridas, nos oferecendo uma possibilidade infinita e criativa ao que se refere a moda africana e afro-brasileira. Além dos modos de fazer tradicionais, a produção seriada pelas indústrias europeias e chinesas, têm se dedicado a produzir os tecidos adire em larga escala através da técnica wax prints. Menciono a empresa Vlisco, oriunda da Holanda que têm se dedicado a essa prática desde o século XVIII. Em seu acervo há mais de três mil estampas que foram catalogadas e reproduzidas em pesquisa de campo não só na Nigéria, mas nos demais países que compõem o continente africano (47 países).

3 - Ateliês africanos na cidade de São Paulo e o diálogo com a Moda

Na cidade de São Paulo temos nossa Pequena África que além de vender tecidos, oferece peças prontas para aqueles que desejam a pronta entrega. Está localizada no Baixo Centro ao redor da Praça da República e ocupando ruas próximas. E ainda, vendedores ambulantes que com suas barracas a céu aberto, oferecem diversos produtos africanos oriundos da Nigéria, Togo, Mali, Benin entre outros países. A Galeria Lafayette tornou-se um espaço que é provido de diversos stands e lojas de diversos designers e produtores de vestuário africano. Para além da Pequena África Paulistana, há ateliês espalhados pela cidade, tendo como exemplos: Dillas e Kuavi. Ambos são mantidos por africanos do Benin que encontraram na cidade de São Paulo, uma nova alternativa de ampliação de seus negócios

voltados para a tradição africana em seus modos de vestir, de perpetuar a cultura de onde são oriundos, e ainda, dialogar com o mercado da economia criativa e com a moda afro-brasileira presente na diáspora.

Figura 6 e 7 - Ateliê Dilla's na Barra Funda - São Paulo - Brasil



Foto: José Roberto Lima Santos, 2025

Através de Adekunlé conheci recentemente um ateliê de trajes africanos chamado *Dillas Africa Brasil* oriundo do Benin, que além de prestar serviços a terreiros de candomblé, aos adeptos da *Ìṣẹ̀ṣe Èsìn Òrìṣà Ìbílẹ̀* possui uma grande clientela de africanos mulçumanos residentes na cidade de São Paulo. A produção de vestimentas à moda beninense/nigeriana realizada e criada pelo *Designer Costume Diawoo e seu irmão*, obedecem aos rigores tradicionais africanos nos modos de vestir para homens e mulheres, e demais elementos formais como modelagem, dress code (códigos vestíveis) que potencializam a riqueza cultural africana através da aplicação de bordados, uso de tecidos wax prints holandeses, linho, algodão, veludo, jacquard, gabardine etc. E ainda, a produção de acessórios como os *gèlè* (turbantes femininos) e os *eketé* e *filá* (chapéus masculinos). A dupla possui relações comerciais com as lojas que se tornaram conhecidas por estarem localizadas no Baixo Centro de São Paulo que formam a nossa Pequena África Paulistana¹¹. Ambos, distribuem a produção realizada que amplia a comercialização através de vendas e consignação, formando

¹¹ Para mais informações consultar: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/guia-negro/no-centro-de-sao-paulo-surge-uma-pequena-africa/>
Acesso em: 18 março 2025

uma rede de comércio e acesso aos trajes africanos para todos aqueles que se interessam em adquiri-las.

Ambos além de oferecer a produção de roupas sob medida, de forma personalizada e atenção aos clientes, utilizam as plataformas digitais para divulgar seus produtos e apresentar o que melhor sabem fazer: costurar. Ao visitar seus ateliês tive a oportunidade de ver ao vivo a produção das vestes e o diálogo com técnicas de alfaiataria, bordados industriais, modelagem, moulage e tudo que se utiliza para criar de forma qualitativa trajes africanos tradicionais e contemporâneos. Em sua clientela possuem diplomatas, modelos, empresários negros, líderes religiosos, simpatizantes e produtores de editoriais de moda, que frequentemente, apresentam suas criações em renomadas revistas do segmento.

Considerações Finais

Os trajes africanos da Nigéria, Togo, Mali e Benin estão presentes na diáspora brasileira através da presença de africanos na cidade de São Paulo. Além da contribuição cultural, relações com líderes religiosos e líderes reais, cada vez mais se faz o uso dos trajes da realeza iorubá em diversas ocasiões, nos oferecendo arcabouços e oportunidades de pesquisa sobre o tema. Uma vez que o povo africano não só contribuiu, mas teve atuação efetiva na formação do povo brasileiro, devido a sua chegada através do tráfico e comércio transatlântico (séc. XV a séc XIX), em condições involuntárias e nem um pouco favoráveis, devido ao sistema escravista colonial realizado por Portugal e demais países europeus, houve a possibilidade de ressignificar os modos de vestir africanos, reinventando-o na diáspora e no novo mundo, através do uso de tecidos de diferentes culturas como por exemplo europeia, muçulmana e otomana, fazendo com que as vestes se mantivessem em seu caráter identitário para além de um traje ou indumentária típica. Na contemporaneidade, temos a relação dos trajes e indumentárias africanas tradicionais sendo referência para criação de coleções, de desfiles de moda e a movimentação da economia criativa em diversas frentes, uma vez que temos o comércio de tecidos realizados por africanos, empresas brasileiras e internacionais que facilitam o acesso a esses materiais. Além de proporcionar o uso, temos a oportunidade de estudar, investigar e contribuir para a elucidação do uso dessas vestes e de suas tradições para além de seu território de origem, contribuindo para a riqueza cultural africana iorubá presente no Brasil e particularmente, na cidade de São Paulo.

Referências Bibliográficas:

KUMARI, Chief Dr Ayele. **Hand of Ifa: A Support Guide for Onifa, Beginning Awo Ifa, and Isese Ifa Devotees in the Diaspora**. Ori Institute, 2022.

LAFONT, Anne. **A arte dos mundos negros: história, teoria, crítica**. Bazar do Tempo, 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

OLUPONA, Jacob K. **Religiões africanas: Uma brevíssima introdução**. Editora Vozes, 2023.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 2020.

SANTOS, José Roberto Lima. **Indumentárias de orixás: arte, mito e moda no rito afro-brasileiro**. 2021. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9a6598e4-18f0-4668-84ef-0c817e29dbd1>

Acesso em: 24 julho 2025.

SANTOS, Roberto Lima. O guarda-roupas de candomblé: ancestralidade, devoção e tradição afro-brasileira. **Anais ABRACE**, v. 21, n. 1, 2021. Disponível em: <https://ojs.portalabrace.org/ojs/abrace/article/download/4988/4988-Texto%20do%20artigo-15595-1-10-20211216.pdf> Acesso em: 24 julho 2025.

PLANKENSTEINER, Barbara. **African Lace: an industrial fabric connecting Austria and Nigeria**, 2013. Disponível em : <https://journals.openedition.org/anthrovision/679> (visita realizada em 03 de Ago 2020).